

*E as minhas esperanças de menino  
E os anelos de amor e mocidade  
Naufragaram no grande desconfôrto.*

### SONHO INÚTIL

*Em minha juventude estive à espera  
De um malogrado sonho superior.  
Esperança divina que eu quisera  
Ver aureolada por um grande amor!*

*Mas não pude esperar quanto devera  
Nos carreiros asperrimos da dor,  
Sem fé, que era aos meus olhos a quimera  
Do pensamento mistificador.*

*Meu erro foi descer, porque, deserto  
O coração, sómente acreditei  
Na Morte, o grande abismo, o nada incerto!...*

*Oh! o maior dos enganos perpetrados!  
Pois no meu sonho altíssimo de rei  
Achei a dor dos grandes condenados!*

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo a 22 de maio de 1935)

### MORTE

*Longe do sentimento limitado  
Da matéria em seus átomos finitos,  
No limite de um mundo ignorado  
Celebra a morte seus estranhos ritos.*

*Hinos e vozes, lágrimas e gritos  
Do espírito que outrora encarcerado,  
Contempla a luz dos orbes infinitos,  
Bendizando a amargura do Passado!*

*Ó Morte, a tua espada luminosa,  
Formada de uma luz maravilhosa  
É invencível em tôdas as pelejas!...*

*És no Universo estranha Divindade.  
Ó operária divina da Verdade,  
Bendita sejas tu! Bendita sejas!...*

### Cruz e Sousa

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo a 21 de julho de 1935)

### EXORTAÇÃO AOS ESPÍRITAS

*Uni-vos sob a paz, uni-vos sob a crença,  
Ó argonautas do ideal, arautos da esperança!...  
Que se realize agora o sonho da bonança!...  
Como os pães do Senhor que a fé se espalhe e vença.*

*Não temais combater, que o Mestre vos conduz  
Com o sol espiritual que envolve o mundo inteiro;  
Séde na terra verde e augusta do Cruzeiro  
Os soldados do Amor, seareiros de Jesus!*

### A. Guerra Junqueiro

(Versos recebidos em Belo Horizonte a 21 de julho de 1935)

### UMA PALAVRA À IGREJA

*A Igreja antigamente era uma luz dourada  
Que enchia os corações de paz e de esplendor,  
Sublime manancial, fonte viva do amor,  
Jorrando sob o sol de mística alvorada.*

*A palavra da fé caía como um luar  
De esperança divina, esplendorosa e doce,  
Sobre as dores crueis, mas tudo transformou-se  
Quando Pantagruel apareceu no altar.*

*Então, desde esse dia, as dúlcidas lições  
Do exemplo de Jesus, o meigo Nazareno,  
Sumiram-se no horror do lamaçal terreno,  
No multissecular mercado de orações.*

*De Deus fêz-se um cífrão imenso, extraordinário,  
Inventou-se o ritual de um Cristo estranho e novo  
E fêz-se a exploração sacrílega do povo  
Sobre a tragédia santa. excelsa do Calvário.*

*Ó Igreja, esquece ao longe as indústrias da cruz,  
Só o Amor é farol no humano sorvedouro,  
Deixa ao mundo infeliz as caixas-fortes de ouro  
E volta enquanto é tempo aos braços de Jesus!...*

A. Guerra Junqueiro

(Poesia recebida em Pedro Leopoldo em 14 de agosto de 1935)

### CARNE

*Algema tenebrosa é a carne louca  
Onde o espírito, em lágrimas, se prende,  
Perambulando como um triste duende,  
Bebendo o pus das fistulas da bôca.*

*Viver entre os sentidos incompletos,  
Na existência das causas fragmentárias,  
Começando nas dores solitárias,  
Da vida melancólica dos fetos.*

*Vaso de tegumentos e de humores  
É o corpo, imagem viva do defunto,  
O miserabilíssimo transunto  
Das condições mais tristes e inferiores.*

*Desprezar tôda a luz, radiosa e viva  
Para viver na carne é descer quase  
Da consciência divina à horrenda fase  
Da irracionalidade primitiva.*

*Carne!... Nossa amargura original,  
Antes, sobre o planeta nunca houvesse  
O princípio ancestral da tua espécie,  
Nos mistérios da Vida Universal!...*

Augusto dos Anjos

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo a 25 de setembro de 1935)

### O MONSTRO

*Vi um monstro pairando sobre a Terra  
Como um corvo de garras infinitas,  
Cobrindo multidões tristes e aflitas:  
Visão de luto e lágrimas que aterra!*

*Vi-o de vale em vale, serra em serra  
E disse: — “Quem és tu que abres e excitas  
Os pavores e as cóleras malditas?”  
E o Monstro respondeu: — “Eu sou a Guerra!*

*Não há forças no mundo que me domem.  
Sou o retrato fiel do próprio homem,  
Que destrói, luta e mata e vocifera!*

*Venho das trevas densas, da voragem,  
Dos abismos de dor e da carnagem,  
Para mostrar ao homem que ele é fera!...*

Antero de Quental

(Soneto recebido a 10 de outubro de 1935)

### PRECE DE NATAL

*Senhor, desses caminhos cór de neve  
De onde desceste um dia para o mundo,  
Numa visão radiosa, linda e breve  
De amor terno e profundo,  
Das amplidões augustas dos Espaços,  
No teu Natal de eternos esplendores,  
Abriga nos teus braços  
A multidão dos seres sofredores!...*

*Que em teu Nome  
Receba um pão o pobre que tem fome,  
Um trapo o nu, o afliito uma esperança.  
Que em teu Natal a Terra se transforme  
Num caminho sublime, santo e enorme  
De alegria e bonança!*